

Jorge de Sena /Delfim Santos – Correspondência 1943-1959

Rafael Gomes Filipe

[Jorge de Sena e Delfim Santos (2012) *Correspondência 1943-1959*, Organização, Estudo Introdutório e Notas: Filipe Delfim Santos, Apresentação: Mécia de Sena, Nota Complementar: José-Augusto França, Lisboa: Guerra e Paz, 128 pp.]

No certo dizer de Mécia de Sena, o que irmanou e se plasma na multimoda e assídua colaboração que mantiveram o jovem poeta, dramaturgo e ensaísta Jorge de Sena e o académico, filósofo, pedagogo e crítico literário Delfim Santos, então na plena maturidade do exercício do seu singular magistério intra- e extra-universitário, terá sido – no período de tempo abrangido pela correspondência entre ambos trocada – para lá de afinidades estéticas, o acrisolado amor que ambos devotavam

à Literatura e a uma tendência primordial para pensar os temas da Cultura com base no fenómeno literário (Mécia de Sena, *Apresentação*, 9).

A correspondência trocada entre os dois intelectuais, que o presente volume documenta e abundantemente comenta, recolhe, entre muita outra preciosa informação, designadamente sobre o *clima* cultural e académico da época, no Portugal do imediato e menos imediato pós-guerra,

a resenha crítica por Delfim Santos, vertida em forma epistolar, do primeiro Jorge de Sena nos anos da sua quase estreia poética e das suas primícias dramáticas, situando o Filósofo entre os primeiros leitores e admiradores do Poeta,

como refere Filipe Delfim Santos, organizador do volume da correspondência entre o seu Pai e Sena (Filipe Delfim Santos, *Estudo Introdutório*, 13). Organizador que soube ainda enriquecer a obra com um denso e aliciante Estudo Introdutório e um não menos rico e minucioso

aparato de notas, de uma erudição exemplar, oportuníssimas, esclarecedoras e judiciosas.

A correspondência, bem como os diferentes *fora* culturais – conferências, ciclos de cinema, inquéritos literários, etc. – que a nossa melhor *intelligentsia* então organizava (e que Filipe Delfim Santos tão bem documentou nos *Anexos* do volume) testemunham, a nosso ver, a consciência aguda que então tinham, tanto Jorge de Sena, tão precocemente desperto e inquieto, como Delfim Santos, na altura acabado de regressar da Alemanha e de um amplíssimo e fecundo convívio com grandes nomes da cultura e da Universidade europeias, da terrível *distância* que nos separava desse mundo como coletividade.

A este fenómeno, mais ou menos pela mesma altura, chamou Eduardo Lourenço a «*Europa ou o diálogo que nos falta*», título tão sugestivo do primeiro ensaio, cremos que do primeiro livro que publicou, *Heterodoxia I*, em 1949, em Coimbra. Um tanto à maneira do Antero de *Causas da decadência dos povos peninsulares*, diz-nos ali Lourenço que, do século XVII para cá, o que salvou a nossa cultura «*da morte absoluta*» foram

os raros que teimaram em acreditar ser possível ascender de novo ao espírito da Europa. Mas sempre que isso aconteceu, a minoria responsável pelo nosso destino cultural não hesitou em submergir os seus autores no silêncio, antepondo-lhes uma inércia premeditada ou um veto concertado e decidido [LOURENÇO 1949, 21].

Só poderíamos deixar de ser uma «*cultura marginal*», no diagnóstico de Eduardo Lourenço, na «*condição de tomarmos contacto concreto com a cultura da Europa*» [LOURENÇO 1949, 30]. Ora, a ação e os projetos que Sena e Delfim Santos então acalentam e em parte concretizaram, bem como aqueles a que deram a sua colaboração generosa, são exemplos em tudo ilustrativos do «*programa*» sufragado por Lourenço, ou seja, do que, segundo ele, importava fazer para alterar o deplorável estado de coisas que entre nós vigorava. As semelhanças entre o diagnóstico de Lourenço e as sempre renovadas dificuldades que conheciam os que, como, exemplarmente, Delfim Santos e Jorge de Sena, queriam remar contra a maré que nos atolava na insignificância,

vão mesmo mais longe. Na verdade, tanto na correspondência como na minuciosa reconstituição do seu circunstancialismo, a que Filipe Delfim Santos procede com isenção e rigor, afloram amiúde os obstáculos, os vis expedientes, bem tipificados, na então Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pela perseguição impenitente movida a Delfim Santos e à Senhora que viria a casar com ele em 1957, a ilustre germanista Professora Manuela de Sousa Marques, pelas camarilhas zeladoras de mesquinhos interesses próprios; junte-se a isto a incompreensão, a autêntica alienação cultural de obscuros intelectuais de café, de um «*nacionalismo*» bacoco e retrógrado, tudo isto, o que é pior, destacando-se contra um fundo em que se projeta a infeliz indiferença de um povo, mantido na menoridade, que ignora quem sejam os seus verdadeiros amigos e benfeitores. Sobre aquelas perseguições permita-se-nos uma nota pessoal: Não poucas vezes dou comigo a ruminar as palavras que, um dia, me disse um querido Amigo e *scholar* exemplar, a quem muito devo, o Professor Hermínio Martins, também ele vítima dos habituais intrigantes, antes de ser duradouramente acolhido na prestigiada Universidade de Oxford, onde desenvolveu notável magistério: «*Aqueles que nos fazem mal nunca nos perdoam*».

Não admira assim que Jorge de Sena, ao saber do falecimento precoce de Delfim Santos, em 1966, comentasse: «*Mais outro que morre de frustração portuguesa*» [Filipe Delfim Santos, *Estudo Introdutório*, 26]. Não sabia ele, então, estar a escrever o que, em 1978, ano da sua morte, também ela precoce, bem poderia ser o seu próprio epitáfio. Certo é que, como justamente sublinha Filipe Delfim Santos ao concluir o seu *Estudo Introdutório*, o amor que ambos dedicaram à renovação da cultura, do pensamento e das letras portuguesas aguarda ainda

o reconhecimento que lhes é devido, entre tantos motivos, pelo seu pioneirismo, pela sua ousadia, pela sua frontalidade e sobretudo por essa tão fértil atitude de exemplar inconformismo e perdurável esperança, sempre iludida e sempre forçosamente adiada, num Portugal que pudesse ser realmente digno dos seus escritores e pensadores [Filipe Delfim Santos, *Estudo Introdutório*, 26].

Abundando na lição perene daquela «*perdurável esperança*», resta-nos desejar que o livro que vimos comentando encontre o eco público que merece, pois os problemas nele abordados, se são de ontem, também são de hoje e de sempre. Atesta-o sobremaneira, no bárbaro crepúsculo das Humanidades e das ciências sociais e humanas que dolorosamente atravessamos, o riquíssimo acervo de interrogações e problemáticas que nele estão direta ou indiretamente presentes – da definição do que seja cultura à sociologia da mesma, ao estudo das mentalidades, ao papel das vanguardas e, *last but not the least*, à aliciante espreitadela que a obra nos faculta sobre as secretas, luminosas oficinas onde, convivialmente, se animam e tomam forma, apesar dos obstáculos, os grandes projetos culturais renovadores.

Referências

LOURENÇO, Eduardo (1949) *Heterodoxia I*, Coimbra.

SENA, Jorge & Delfim SANTOS (2012) *Correspondência 1943-1959*, organização, estudo introdutório e notas de Filipe Delfim Santos, apresentação de Mécia de Sena, Lisboa: Guerra e Paz.

